

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVII Volume

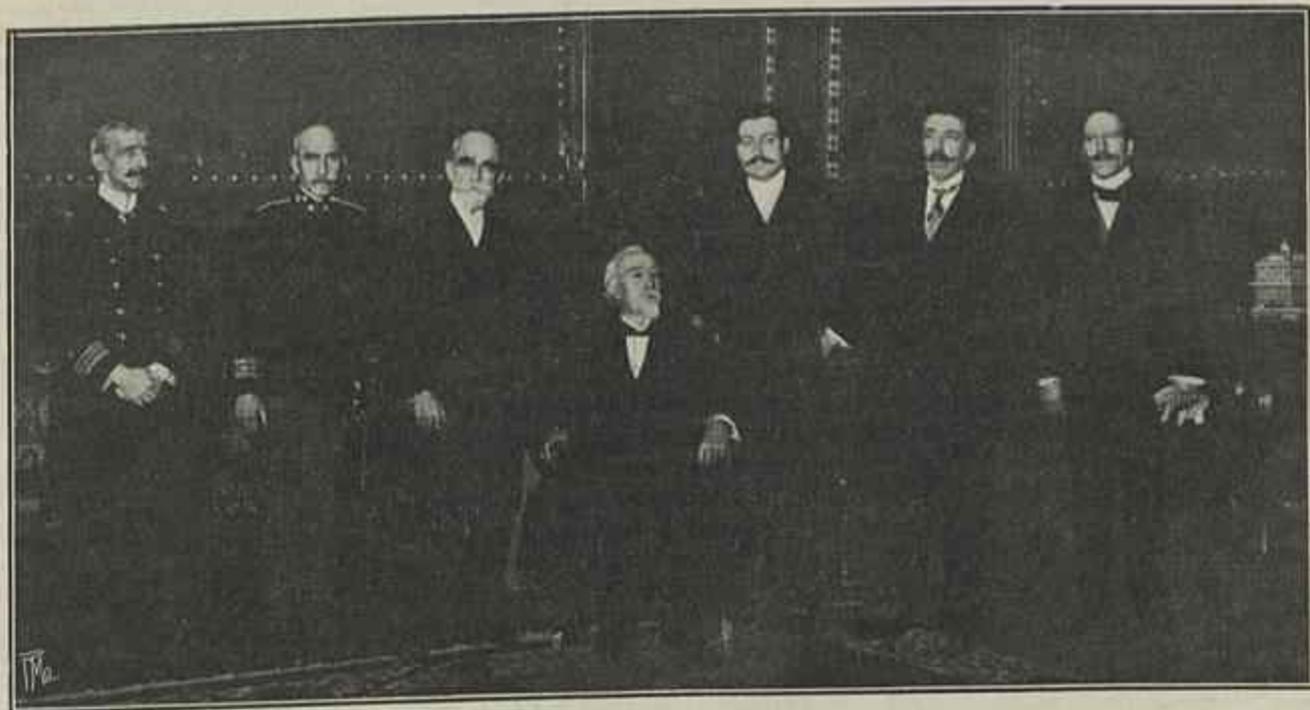
Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

10 de Março de 1914

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1267

A Amnistia dos presos politicos



SUA EX.^a O PRESIDENTE DA REPUBLICA NO SEU GABINETE DEPOIS DA ASSINATURA DO DECRETO DE AMNISTIA, TENDO Á SUA DIREITA O PRESIDENTE DO GOVERNO DR. BERNARDINO MACHADO, MINISTRO DA GUERRA PEREIRA D'EÇA, MINISTRO DA MARINHA AUGUSTO NEUPARTH, E Á ESQUERDA MINISTRO DA INSTRUÇÃO DR. SOBRAL CID, MINISTRO DO FOMENTO DR. AQUILES GONÇALVES E MINISTRO DA JUSTIÇA DR. MANOEL MONTEIRO.

— NA ALA CENTRAL DA PENITENCIARIA DE LISBOA, AS FAMILIAS DOS PRESOS POLITICOS AGUARDANDO A SAIDA DOS AMNISTIADOS: 1 LAURENTINO PEREIRA — 2 CONDE DE MANGUALDE — 3 FRANCISCO FICALHO — 4 AUGUSTO PERES BRUN DA SILVEIRA — 5 D. JOÃO DE ALMEIDA — 6 D. JOSÉ DE MASCARENHAS.

CRONICA OCCIDENTAL

«Sem duvida, em breve, o governo decretará amnistia, sem ambages, nem restrições, aos presos implicados nos movimentos politicos insurreccionarios.»

Assim, neste mesmo logar, dia vinte do mês passado, declamavamos nós, resolutamente, com entôno de convicção e confiança, digna de registro, no advento do Carnaval e bom-senso dos governantes.

Diz o anexo que ninguem é profeta na sua terra. Em verdade, a sentença popular não nos merece nunca crédito absoluto — porquanto tem quasi sempre a desmentil-a uma *contre-partie* restritiva. Ainda que assim não fosse, o anexo referido não poderia corresponder, incontestavelmente, a uma realidade, no nosso paiz. Com effeito, é notorio que todos se acreditam profetas em Portugal. Podiamos citar nomes e referir episodios, corroborando a nossa asserção.

Dos ultimos tempos, desde Bandarra ao senadôr illustre, sr. Nunes da Matta, a lista de nomes dos profetas lusos seria consideravel. Não usam ronha nem barbas compridas de judeus biblicos, mas têm identica faculdade de previsão, acrescida da vangloria de afirmal-a. De resto, dentre eles, reconhecemos algumas pessoas intelligentes e amaveis, pródigas de boas palavras, capazes de bons feitos, amigas leaes das suas hortas e do paiz, susceptiveis de amar o proximo, sómente, um pouco menos que a si-mêsmas.

Apontemos exemplos. Temos por costume inveterado lêr, ao jantar, sobre o calê digestivo, as prosas substanciosas que o sr. José Maria de Alpoim envia para as gazetas da sua predilecção. Homem de estado, em disponibilidade, intelligencia rara de politico — lemol-o sempre com proveito e deleite. Anima o, por vezes, o mesmo ardôr entusiastico da juventude. A's suas frases parece aflorar, esmorecida, a paixão antiga das lutas de partido. Apesar de gôta e desilusões, continúa a manter fielmente os seus principios de liberalismo. E é admiravel como ele sabe defender, com persistencia e energia, as suas couves e os seus vinhos — e os altos interesses da sua patria!

Pois, o sr. José Maria de Alpoim, tribunio de pulso, prósista de cunho, politico de alcance, e nascido para os lados de Mesão-frio, tem, ás vezes, por intermitencias, os seus lazêres de profeta lirico, e diz: «Saíram certas as minhas previsões. E' certo, o meu conhecimento experimentado das coisas e dos homens permiteme...»

Sobre a nossa mēsa de trabalho, apparecem, com frequencia, artigos politicos chancelados pelo espirito e nome do sr. Cunha e Costa. Politico de emigração, advogado de talentos, amadôr de flôres e de cães — consegue que lhe importem, de contrabando, as suas graciosas diatribes. Diavolo da politica — a politica merecelhe a consideração que a diavolo merecia sua mãe. Com frequencia, muda de côr e ambiente e tem a manha, assim como assim, de se impôr sempre. Prestidigitadôr de elegancias — conta por ahi incondicionaes admiradôres das suas escamoteações. Funambulo de atitudes — sentem, por ele, uma simpatia irresistivel. Pois o sr. Cunha e Costa, dotado de tão formosas qualida-

des de coração e espirito, profetisa, por vezes, e ao depois exclama: «Tudo o que eu previra, se realisou. O meu conhecimento dos homens e das coisas permiteme...»

O sr. Afonso Costa é o prestigioso chefe dos demos e o demo magico das finanças portuguezas.

E é por este motivo que o seu partido se intitula sabiamente — democracia. Sem embargo, este poderoso senhor de governanças, afilhado da fama, mimo da discórdia e homem encantadôr que todos nós conhecemos, impa de aspeito e tem visões apocalipticas de aterrorisar. Quando se sente diminuido, esforça-se por crescer para as turbas e apostrofa com violencia: «E vi levantar-se do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez cornos... E' a monarchia hedionda que restaura forças e ameaça subverter a terra. Coragem, cavaleiros! Aprestem-se, capinhas! Façamos uma péga formidanda á besta...» E a besta apropinquou-se e esfumou-se, de terrôr, ao longe. A passo e passo, tornava-se gigantea de estatura. Parecia asso-prada. Era a Revolução. Chegou e rebentou — isto é, estoirou. Como besta? Não. Como balão de ensaio. Dizem linguas sujas como sejam as de Homero de Lencastre e Calado e Brito, que fôra manipulado pelo proprio senhor Afonso Augusto da Costa. Entanto, hemos de concordar que a profecia realisou-se...

Tambem, por momentos, o sr. Machado Santos, considerado heroe de rotundas e antigo official rancheiro de consideração, levanta apreensivamente o dedo profetico e insinua: «Toma tento, Bernardino! Senão...»

Esta frase, vigorosamente laconica, exarada em paragona na testa do seu jornal, seguida de reticencias tão misteriosas, significa, por certo, prenuncios de tragedia.

E até o celebrado sr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, que nós já apodámos de Messias, teve a sua aura meiga de profeta. Assim era nos tempos do ostracismo, quando garantia convicto aos reporters graduados das estranhas: «A republica será proclamada dentro de dois anos. Estejam certos. O meu conhecimento experimentado dos homens e das coisas permiteme...»

E adivinhou o sr. Bernardino Machado. Sómente, irrisoriamente, errou alguém que se rodeava, ao tempo, de fumaças gloriosas de profecia e afirmava: «Convençam-se, meus senhores! Proclamada a republica, o bacalhau descera ao preço maximo de três vintens...»

Muito bem. Apoplexias de entusiasmo. Apoiados epilepticos. Muito bem.

Proclamada a republica, o bacalhau tem encarecido tanto e de tal modo carecido, que já se vae sentindo, com urgencia, entre o povo, a falta de peixe-espada...

E', pois, notorio, que todos se acreditam profetas, em Portugal. Citámos nomes e referimos episodios, corroborando a nossa asserção.

E até nós quizemos lograr, neste passo da vida, o facil direito de profetisar — mas fômos por desgraça logrados nas nossas pretensões. Com magua, confessamol-o.

Dissemos nós: «Sem duvida, em breve, o governo decretará amnistia, sem embages, nem restrições, aos presos implicados nos movimentos politicos insurreccionarios.»

E' verdade, o decreto foi publicado. A amnistia foi concedida, é certo.

Todavia, a amnistia é restrita.

Todavia, o decreto é equivoco.

Entanto, bemdita a amnistia!

ANTONIO COBEIRA.



AMNISTIA

Graças á campanha da imprensa oposicionista e aos esforços indefessos do sr. Bernardino Machado, chefe do gabinete — foi já decretada, em suplemento ao *Diario do Governo*, no dia 20 do mês passado, amnistia para os crimes politicos, religiosos e sociaes.

Devemos confessal-o para honra do parlamento, as Camaras sentiram bem a urgencia e a importancia da medida governamental, e esforçaram-se por tornal-a efectiva no menor espaço de tempo. Fôram cumpridos todos os preceitos constitucionaes. Repetiram-se sessões diurnas e nocturnas. Reuniu-se o Congresso. E o decreto foi, em breve, discutido e votado.

Assim, as certas disposições do decreto provocaram doestos e discussões acaloradas, e houveram de ser corrigidas e postas de parte. Do decreto, a letra que mais soffreu a contradita das minorias, obriga a julgamentos depois da amnistia — o que decerto, em boa teoria, não deve ser aceite, visto que por principio a palavra — amnistia — quer dizer perdão e esquecimento. Todavia, devemos ser concordes em que as amnistias pódem ser parciaes ou totaes, condicionaes ou absolutas. Esta que ora se votou, é parcial e condicional. Entanto, não podemos ser tão cegos que não reconhecâmos que é bemfazeja e sempre bemvinda por aliviadora dos males que tantos desgraçados soffreram nas allurjas das penitenciarias.

Publicado o referido suplemento ao *Diario do Governo* todos os presos politicos, sociaes e religiosos fôram postos em liberdade, excepto aqueles que terão de responder por crime não amnistiado.

O artigo 2.º do decreto claramente diz:

«Os chefes, dirigentes ou principaes instigadôres, são immediatamente expulsos do territorio da Republica Portugueza pelo Governo, e pelo tempo de pena que lhe resta a cumprir, não excedendo dez anos.» Sómente a onze condenados, é applicada esta disposição do decreto. São elles, segundo a categoria que se lhes deu:

Dirigente e chefe — Henrique Mitchel de Paiva Couceiro.

Dirigente — João Antonio de Azevedo Coutinho Fragoso Siqueira.

Chefes — João de Almeida (ex-capitão), Jorge Perestrello de Pestana Veloso Camacho, Mario Augusto de Sousa Dias e Victor Leite da Gama Lobo Sepulveda.

Instigadôres e dirigentes — Francisco Manoel Homem Christo, padre Antonio de Moura Leite Maciel, padre Julio Barroso, padre Domingos Pereira e padre Julio Candido Cesar.

Falta ainda que se apure a culpabilidade daqueles que até hoje não fôram julgados. A eles, por desventura, póde ser applicada ainda a pena de exilio.



Enche a maré (Azenhas do mar)

Rôxo

a Alfredo Pedro Guisado



MIXTO de Côr e Som! Reflexo de Tristura
Vindo de longes Tempos! Ritmo da minh'alma!
Eu vejo o Sônho em rôxo, e a minha desventura
E' rôxa como é rôxa a minha lira — a Alma!

Vejo rôxa a Cegueira e alvéjo rôxo o Medo...
Receio-me de mim... Véjo-me rôxo... Sou
Fantasma côr de rôxo... E fujo-me em segrêdo
Com mêdo de me vêr... E fico... Ergo-me em vôo!

Nos olhos da minh'alma ha rôxos a dançar...
Do amor, no sofrimento, é rôxa a embriaguez...
O meu ciúme é rôxo e não azul... Altar! —

Altar onde Jesus em rôxo se desfez...
Altar do meu amor... Jesus do meu sonhar...
.....
Ciúme rôxo da côr das lágrimas de Inêz!

Fevereiro de 1914 — Lisboa.

Carvalho Mourão.

PELO MUNDO FÓRA

Maurice Maeterlinck, o grande escriptor belga, de nomeada universal, publicou ha pouco um livro de valor em que se discutem os mais transcendentales problemas do mundo psychico: — *La Mort*. As suas ideias foram chocar-se com as doutrinas da orthodoxia catholica, de modo que o glorioso author da *Vie des abeilles* e d'outras obras primas entrou no numero privilegiado dos condemnados pela *Sagrada congregação do index*, que atirou para o limbo com todas as obras poeticas, dramaticas e philosophicas de Maeterlinck. As auctoridades inglesas prohibiram que nos theatros do Reino Unido se representasse o drama religioso do mesmo auctor: *Maria Magdalena*.

Maeterlinck, ao saber da excomunhão, mandou ao *Soir*, de Bruxellas, um telegramma dizendo: *Ignorava a excellente novidade. O editor deve ficar radiante. De resto, é um phenomeno prehistorico, sem importancia.*

Emfim, é uma maneira de dar popularidade a um auctor, augmentando-lhe os proventos. Maeterlinck e o seu editor rejubilam.

Tambem a extraordinaria actriz *Sarah Bernhardt*, que todo o mundo tem applaudido, patenteia o seu reconhecimento pela consagração que lhe foi oficialmente feita, concedendo-se-lhe o collar da *Legião de Honra*.

Edmond Rostand, na cerimonia official, declarou que *todos os poetas e todos os artistas esperavam impacientemente que o enorme braçado de louros, trazidos de todos os cantos do mundo pela sublime propagandista do ideal francès, fosse finalmente atado e ligado por essa pequena fita vermelha*. Esta consagração produziu enorme entusiasmo, principalmente entre as *cento e nove* portadoras de identica decoração. A *Legião d'Honra*, ao que se vê, não é avara para o sexo fragil. A consagração de agora representa a merecida homenagem a esse grande espirito, que tem sido o interprete inegalavel de difficilimos papeis, tendo percorrido esse extenso cyclo dramatico que vae da *Phedra* á *Dama das Camélias* e ao *Aiglon*.

Alphonse Bertillon era um homem notavel que a França perdeu ha dias. Inventou a *dactyloscopia*, o *systema anthropometrico de identificação*, que é o terror dos senhores gatunos e de toda essa cohorte de respeitabilissimos profissionaes do crime. Bertillon era director do serviço de identidade judiciaria na *Prefeitura* da policia de Paris, Morreu apoz doloroso sofrimento, uma profunda anemia, que por tres vezes se tentou debellar pela *transfusão do sangue de seu irmão, o dr. George Bertillon*.

Alphonse Bertillon nasceu em Paris em 1853; ensinou francès e allemão na Inglaterra e na Escocia. Em 1879 entrou na *Prefeitura* e tres annos depois inventou esse systema da applicação da anthropometria na identificação judiciaria, systema que immediatamente foi adoptado e que

Bertillon desenvolveu pouco a pouco ao ponto de perfeição que actualmente está universalmente generalizado a todas as organizações policiaes. As famosas *fixas de mensuração*, feitas e classificadas de harmonia com o seu methodo, permitem a identificação de qualquer criminoso num breve espaço de tempo.

Em rigór historico deve dizer-se que o conhecimento das *impressões digitais* como signaes caracteristicos, data de seculos. A Bertillon cabe, porém, a gloria de ter descoberto o systema pelo qual essas impressões foram devidamente classificadas, de modo que os vestigios deixados pelos criminosos podiam lêr-se como qualquer escripta, sendo aproveitados para uma immediata identificação.

O nome de Bertillon occupa, pois, um lugar á parte na *Historia da criminologia*. O seu talento manifestou-se tambem na *systematisação da fórma da letra*, como meio de identificação, tendo figurado como perito no caso *Dreyfus*.

É curioso notar que Bertillon era uma das rarissimas pessoas contra quem essa poderosa arma da identificação — que elle inventára — nenhum effeito produzia, graças á superficie muito irregular da sua pelle, que não lhe permitia fazer uma boa impressão.

O cerebro de Bertillon pezava 1:525 grammas, o que é consideravel, attendendo a que o peso médio é de 1:360 grammas. Deve ainda accrescentar-se que a sua morte foi causada por longa e profunda anemia.

Regista-se tambem o fallecimento da *Princêsa Guilherme de Baden*, em *Karlsruhe*. Era bisneta da imperatriz *Josephina*, primeira mulher de Napoleão. O pae da defunta princêsa, o duque *Maximiliano*, era filho de *Eugenio Beauharnais*, vice-rei de Italia. Este era filho da imperatriz *Josephina* e do seu primeiro marido, o visconde *Alexandre de Beauharnais*, que foi guilhotinado durante o *Terror*. A princêsa nasceu em S. Petersburgo em 1832, e casou com o principe *Guilherme de Baden* em 1863.

Em Dezembro ultimo falamos do alto preço attingido pelo quadro de Raphael, conhecido pelo nome de *Madona de Cowper*. (1) Noticias recentes attribuem a essa celebre tela um preço verdadeiramente phenomenoal, que bate o *record* de todos os preços até agora conhecidos no mundo da pintura.

De facto, a *Madona*, de Raphael, excedeu todo o valor que se possa attribuir á *Monna Lissa* ou *Gioconda*, de Leonardo de Vinci, a qual ha pouco entrou no *Louvre*, depois de ter errado no fundo d'uma caixa, durante mais de dois annos, á mercê d'um gatuno pouco esperto, que se deixou cahir nas mãos dos seus compatriotas italianos, os quaes fizeram restituir á França aquella preciosidade — conhecida tambem por *Madona de Cowper* ou de *Panshanger*, foi vendida por 140:000 libras ou seja a bagatella de uns 700 contos de réis!

(1) Vid. *Occidente* vol. xxxvi n.º 1260 de 30 de Dezembro de 1913 onde vem publicada uma gravura reproduzindo este quadro.

Adquiriu-a um millionario de *Philadelphia*, rei da electricidade, chamado *P. A. B. Widener*, que a comprou aos celebres negociantes de quadros, os irmãos *Duveen*. Os quadros que até agora tinham obtido maior preço eram o *Moinho*, de *Rembrandt* e o retrato de *Franz Hals e sua familia*, os quaes não passaram de 500 contos, preço por que *Pierpont Morgan*, ha pouco fallecido, como aqui noticiamos, adquiriu outra *Madona de Raphael*.

A *Madona de Panshanger* que acaba de passar o *Atlantico*, é uma obra notavel, que foi adquirida pelo 3.º *Conde de Cowper* ha 134 annos, em Florença, quando ali esteve como ministro da Grã-Bretanha. A tela tem 67 centimetros por 45.

Foi então levada para o castello senhoreal dos lords *Cowper*, conhecido por *Panshanger*. No anno passado, por morte da viuva do ultimo lord, a *Madona de Panshanger* foi parar ás mãos de *lady Desborough*.

Por momentos, a Inglaterra alimentou fundadas esperanças de conservar aquella reliquia. A *National Gallery* offereceu por ella 70:000 libras; o negocio estava prestes a fechar-se, quando os taes irmãos *Duveen*, por artes de *Lucifer*, surgem com a appetitosa offerta de 100:000 libras! Pouco depois apparece o tal rei da electricidade — *Widener* — que dá 140:000 libras pela celebre obra do mestre de *Urbino*. A colleção de *Widener* é uma das mais sumptuosas dos Estados Unidos. Lá figura desde 1911 o afamado *Moinho*, de *Rembrandt*, que o grande millionario americano impediu de entrar tambem na *National Gallery*.

A proposito de obras d'arte, vem a talhe de foice prestar homenagem a um portuguez, director do nosso museu de arte antiga — o sr. dr. *Fosé de Figueiredo*. Este illustre critico d'arte fez, por intermedio do eminente critico e philologo francès, sr. *Salomon Reinach*, uma curiosissima communicação ao Instituto de França acerca d'um quadro de *Rogier van der Weyden*, que existiu no mosteiro da Batalha e que foi destruido durante as guerras que assolaram o nosso paiz no seculo passado. Essa obra soberba do pintor hollandês do seculo xv representava a *Virgem e o menino* adorados por *Isabel de Portugal*, duqueza de Borgonha, pelo duque *Filippe o Bom*, e seu filho *Carlos o Temerario*. O sr. dr. J. de Figueiredo demonstrou, com fundados motivos, que esse quadro foi pintado em 1449. *Rogier van der Weyden* foi um dos mais extraordinarios pintores de Flandres, sendo os seus quadros estudados parallelamente com os de *Van der Goës*, *Van Eyck* e *Meneling*.

Decididamente o *Novo Mundo* leva tudo quanto de bom se póde encontrar na *Velha Europa*. E por este andar ninguem póde prevêr até onde irão as telas dos grandes mestres, muitos d'elles tendo vivido na miseria, ao passo que os negociantes das suas obras enriquecem a olhos vistos.

Folgamos de poder prestar esta fraca homenagem ao nosso illustre compatriota, que ha muito dedica rara actividade e elevado talento á santa causa do desenvolvimento da arte nacional.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

Alfredo Russel Wallace

O naturalista inglês ha poucas semanas falecido nascera em Usk (Monmouthshire), a 8 de janeiro de 1822. A sua longevidade parecia querer tornar perduravel uma reliquia muito apreciada, restante de uma epoca notavel e de uma pleiade de viajantes illustres, que lançando-se ousadamente num caminho de descoberta, com ardor cavalheiresco, não que batalhassem por amor de sua dama, mas trabalhando dedicadamente pela sciencia, legaram ao mundo uma obra profunda, em que ha muito a meditar e aprender. A obra de A. R. Wallace, contemporaneo e emulo de Darwin, auxiliou muito a propaganda das idéas deste e veiu trazer novos conhecimentos, alargando o âmbito da filosofia natural de ha cerca de quarenta anos, revelando factos interessantes e curiosos, que fizeram revolução contra o convencionalismo e o dogmatismo arraigado das epocas anteriores.

A vida de Wallace é com certeza das mais extraordinarias. Trabalhou, a principio, com seu irmão em architectura e consagrou-se depois ás sciencias naturais. Fôram as suas longas viagens, como para o filosofo de Cambridge, as inspiradoras de numerosas observações e trabalhos, que lançaram as bases de um novo estudo, numa orientação moderna, para uma compreensão mais larga e positiva dos fenomenos biologicos.

Foi a principio como explorador á America do Sul, em 1848, com Bats, visitando em seguida o Arquipélago Malaio, onde residiu 8 anos. Este largo e demorado contacto com as cousas da natureza levou-o ás mesmas conclusões que Darwin (tendencia das variedades a afastarem-se do tipo primitivo). Wallace era amigo do celebre naturalista inglês e manteve sempre para com ele uma estima e lealdade infrangiveis e de tal modo que, por singular coincidência, os trabalhos de ambos fôram apresentados no mesmo dia á Sociedade Lineana de Londres (1858), sem que disputassem um ao outro a primazia, ficando para sempre ligados os nomes de ambos áquella memoravel descoberta.

Como prova de uma modestia e rectidão exemplares, existe uma citação do prefacio do livro de R. Wallace sobre *Seleccção natural*, expressa nos seguintes termos: «Ouso esperar que a presente obra provará que compreendi desde o principio o valor e o alcance da lei que descobri e que pude depois applicá-la com exito a algumas investigações originaes. Os meus direitos ficam por aqui. Toda a minha vida tenho sentido e sinto ainda a satisfação de que Darwin tivesse posto mãos á obra muito tempo antes de mim e que a difficil tarefa de escrever a *Origem das especies* não me tivesse sido legada.» Nestas condições verdadeiramente excepcionais, se as considerarmos em relação á média do amor proprio, que a humanidade apresenta, de ordinario, é que o titulo de *emulo de Darwin*, conferido a Wallace pelos escriptores contemporaneos, não tem a significação litigiosa e contraditória, que geralmente se dá a esta palavra, despertando a idéa de rivalidade, de ciúme, de inimizade até certo ponto.

De modo nenhum, Wallace se quiz contrapôr á obra e ao prestigio do vidente

autor da *Descendencia do homem*, nem asenhorear-se da gloria, de que aliás se lhe deve largo quinhão, de ter instituido uma doutrina que, apesar das contradicções e disputas apaixonadas por ela suscitadas, foi fazendo epoca. Wallace foi decididamente um colaborador entusiasta, mais do



ALFREDO RUSSEL WALLACE

estudo muito completo da distribuição geografica dos animais. São sobretudo notaveis as suas investigações sobre a significação e utilidade das côres e d'ahi sobre os fenomenos de mimetismo, que ele estudou de uma forma muito especial e notavel, estabelecendo a distincção classica entre o mimetismo propriamente dito, e a assimilação protectora, com relação ás colorações atraentes e á seleccção sexual.

Se, nas suas particularidades, os conceitos originaes do sabio inglês sofrem as alterações indispensaveis que a critica rigorosa e o conhecimento mais intimo dos factos determinam, eles mantem-se contudo na sua generalidade; impõem-se pelo seu engenho e atraem pelo seu poder de convicção.

O seu modo de ser sobre a questão das côres e a seleccção sexual, conquanto sujeito a contestação e tenha de sofrer a

que um proselitista fervoroso, como Haeckel, que com ele fórma a triada admiravel, sobre que descansa a nova filosofia transformista.

Wallace tratou de reunir provas a favor desta. Para isso fez um

moderna interpretação de Dofleisch, não deixa de exercer uma poderosa sedução nos espiritos; sobrepõe-se nesse ponto á teoria darwinista, pelo menos no que trata do efeito e consequencia da coloração na escolha dos sexos.

Uma cousa singular se manifesta nas ideas de Wallace, aparente contradicção, que é ainda uma forma de ser original e de mostrar uma individualidade forte e ousada, nos meios incaracteristicos modernos.

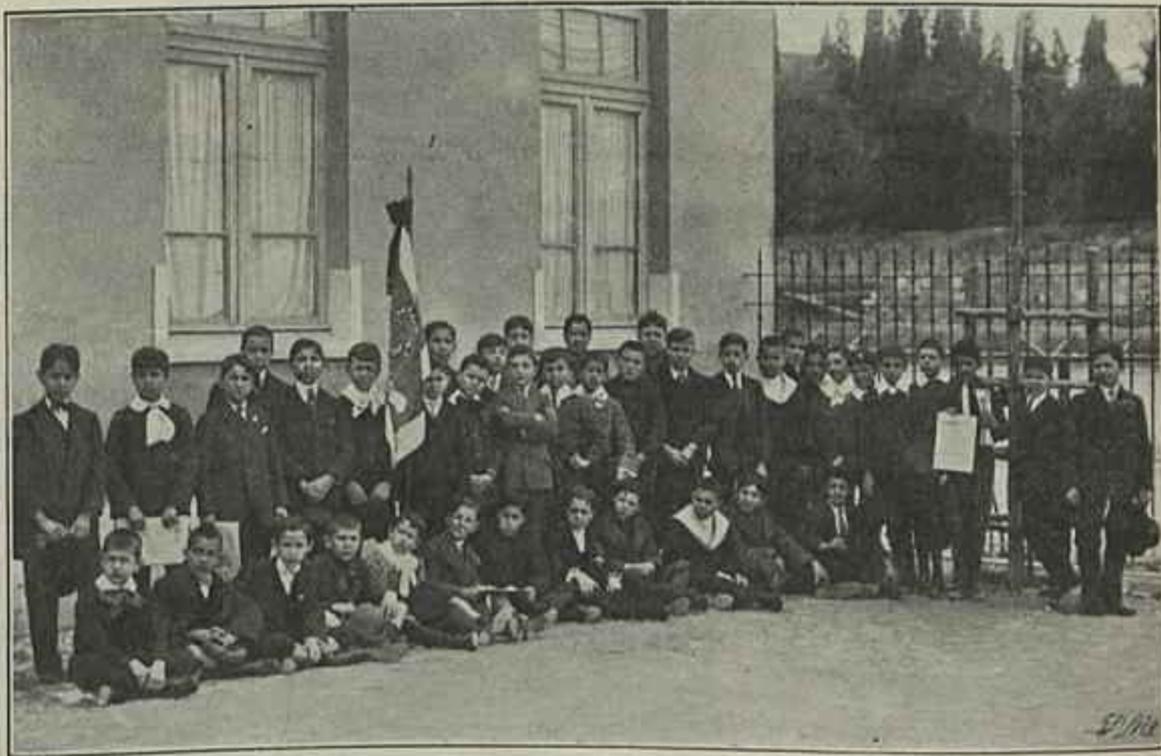
Wallace ficou sempre, atravez dos seus estudos de naturalista, que parece deveriam conduzi-lo mais depressa a um modo de pensar positivista, permaneceu profundamente espiritualista.

Admitindo a existencia de uma forma ancestral comum ao homem e aos antropoides, regeita, quanto á intellectualidade d'aqueles, a influencia da seleccção natural. O desenvolvimento excepcional da mente humana tem, segundo ele, uma finalidade. Todas as forças da criação convergem, por assim dizer, para esta finalidade. O Universo apresenta no homem a sua principal razão de ser. E' a teoria autropocentrica defendida pelos filosofos da antiguidade e modificada de uma maneira original e imprevisita por Wallace, que sobre ela escreveu a sua ultima produção (*Lugar do homem no Universo*, 1908).

Para elle o homem é um facto singular, em que reconheceu uma Inteligencia suprema, coordenadora das forças universais, dirigidas no sentido de facultar a existencia humana no orbe em que vivemos, que para o filosofo inglês seria o unico habitado.

A originalidade e ousadia das suas vistas filosoficas e a profundeza da sua obra, ficarão perduravelmente, como qualidades primaciaes, a recomendá-lo á posteridade, que aliás é tendente a perder depressa a memoria e a tradição dos grandes espiritos, que são gloria lidima da especie.

J. BETHENCOURT FERREIRA.



O ORFEON DO LICEU PEDRO NUNES

Na sala de ginastica deste liceu celebrou a Associação Escolar Pedro Nunes o 2.º periodo do ano escolar com uma festa em que tomaram parte os alunos, executando um variado programa composto de canções portuguezas e recitação de poesias de Camões, de Gonçalves Crespo, Afonso Lopes Vieira e Conde de Monsaraz, pelos estudantes Figaniér, Henrique Jorge, Otavio Nogueira e Vasco Camalier. Um grupo de escoteiros do liceu formava a guarda de honra á festa a que assistiu o reitor sr. dr. Sá Oliveira e alguns professores, terminando a festa por um baile em que alunos e meninas de suas familias dançaram animadamente.

As obras do Bem

Junção do Bem

Educar e instruir o povo, eis o que mais importa fazer para o resurgimento da pátria portuguesa.

O reconhecimento desta verdade vai manifestando seus efeitos, na criação de instituições com esse fim, que se vão estendendo por todo o país como obra redentora e de solidariedade humana, cuidando da infância, preparando melhor futuro á sociedade portuguesa.

Agora é a *Junção do Bem*, uma instituição quasi nascente, que celebra o seu segundo aniversario, numa festa altamente simpática, porque toda ela é de paz e de amor, sem intuítos políticos, unicamente aspirando a desenvolver a sua acção beneficente ás creanças e á maternidade, como aquelas que lhe merecem seus melhores carinhos.

Foi na sala da Associação Commercial de Lisboa, gentilmente cedida á *Junção do Bem*, que esta realizou, no dia 1 do corrente, a sessão comemorativa do seu segundo aniversario.



SESSÃO SOLENE DA JUNÇÃO DO BEM, PRESIDIDA PELO CHEFE DO ESTADO, NA SALA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA.



AS CRIANÇAS PROTEGIDAS PELA JUNÇÃO DO BEM

A festa presidiu Sua Ex.^a o Presidente da Republica, que se compraz sempre em se associar ás obras do Bem, que são as que mais atraem seu coração bondoso.

Foi uma festa deliciosa, largamente concorrida e em que as senhoras tomaram boa parte, abrihantando-a com os seus atrativos e adriundo alvoçadamente a estas manifestações do Bem para que vive seu coração.

Pela sala engalanada afestuvavam-se flôres e colgaduras de seda que decoravam a presidencia. A um lado formavam as 50 creanças da paróquia de S. Nicolau que a *Junção do Bem* protege. Na ante sala a Tuna Commercial de Lisboa, executava as melhores peças de seu repertorio e á entrada, uma força de bombeiros municipaes fazia a guarda de honra.

A sessão principiou pelo hino da *Junção do Bem*, letra do sr. dr. Alfredo da Cunha e musica do sr. Julio Neuparth, entoado pelas creanças.

Foi a primeira nota festiva a que se seguiram os discursos, iniciados pelo sr. Albert Macieira que fez o elogio da Irmandade de S. Nicolau e *Junção do Bem* que dão alimentos, vestuario e instrução a 50 creanças daquela paróquia e abrem as suas aulas a todos os que as queiram frequentar.

Falou em seguida o sr. Agostinho Fortes, congratulando-se pela obra de solidariedade humana, que ali se afirmava e quanto era mister desenvolver o ensino tecnico e educar os caracteres, para regenerar a vida financeira e economica do nosso país.



A EX.^{ma} SR.^a D. LUCRECIA DE ARRIAGA, VISITANDO A ASSISTENCIA INFANTIL DE SANTA ISABEL

Ultimos Ecos do Carnaval



FESTA DE CARNAVAL NO CLUB BRASILEIRO

Em verdade, foram brilhantíssimos os estejos que se realizaram, pelo Carnaval, no Club Brasileiro. Esta ormosa agremiação notabilizou-se pela forma surpreendente e agradabilíssima, esplendida de graça, rutilante de riqueza, com que soube diversionar-se, em meio da insipidês geral. Podêmos afirmal-o, sem reservas, foi ali que se refugiou Pierrot, afugentado pelo aspecto mau e pessimo porte do entrudo tradicional da Parvonia. O baile foi animado e chic. Ao Club Brasileiro, acorreram, n'esses três dias breves, as familias mais distintas da colonia.

Assim terminou a festa que vimos de relatar e que deixou a impressão mais cônsoladora nas almas.

Assistencia Infantil de Santa Isabel

No mesmo dia em que a *Junção do Bem* realisava a sua festa comemorativa, outra instituição não menos benemerita celebrava tambem seu terceiro aniversario—A Assistencia Infantil de Santa Isabel, cujo proposito é educar as meninas pobres daquela parouquia.

A festa presidiu a esposa do Presidente da Republica a Ex.^{ma} Sr.^a D. Lucrecia de Arriaga,

que se fez acompanhar por seu filho o sr. Roque de Arriaga com sua esposa a Ex.^{ma} Sr.^a D. Isabel de Arriaga.

O sr. Ladislau Piçarra abriu a sessão pronunciando um discurso apropriado e leu o relatorio da comissão administrativa.

Discursaram depois brilhantemente os srs. dr. Sá de Oliveira, dr. Carneiro de Moura, dr. Ruy Teles Palhinha e a sr.^a D. Maria Clara Alves.

A certa altura da sessão entrou o presidente do governo sr. dr. Bernardino Machado, que foi ali para saudar a Ex.^{ma} Sr.^a D. Lucrecia de Arriaga e a Assistencia, sendo recebido com carinhosas manifestações.

O sr. dr. Cassiano Neves, governador civil de Lisboa, que compareceu ali representando o governo, discursou largamente sobre a assistencia publica, notando a crise que esta atravessa, e louvando a iniciativa particular que acode a esta necessidade social, e pondo em relevo a benemerencia da instituição que ali celebrava o seu terceiro aniversario, como a que melhor compreendia a sua missão, educando aquelas creanças para a boa ordem da familia, vindo a ser boas esposas, boas mães e boas donas de casa.

O sr. dr. Cassiano Neves notou ainda a crise que a assistencia publica atravessa, se deve, em parte, a muitas pessoas entenderem que só aos governos compete cuidar dela, esperando tudo da sua acção, quando é certo que, sem a cooperação particular o governo da Republica não poderá acudir de pronto a todas as necessidades publicas, que como esta, precisa da cooperação de todos para a socorrer. Que os socorros se estabeleçam por todas as parouquias por meio de instituições particulares, embora o estado as coadjuve, e assim neste mutuo auxilio, muito se poderá conseguir em favor da assistencia publica.

As numerosas pessoas que assistiram a esta festa puderam vêr os resultados do ensino que ali se ministra, visitando a exposição que se exhibia nesta escola de ensino modelar, de obras de costura e bordados perfeitamente executadas pelas educandas.

Alguns dos artigos expostos foram adquiridos pelo sr. José Guedes da Costa com que presenteou as creanças.

A ex.^{ma} sr.^a D. Lucrecia Arriaga ofereceu dez escudos para as educandas, a quem acolheu carinhosamente, entre as saudações da assistencia que calorosamente saudou a veneranda senhora á sua entrada, tocando nessa occasião, a orquestra do Asilo Antonio Feliciano de Castilho, o hino nacional.



Quando se viaja a correr toma-se os abusos pelas leis do paiz.—*Voltaire.*



GRUPO DE CRIANÇAS MASCARADAS QUE TOMARAM PARTE NA FESTA CARNAVALESCA NO GINASIO CLUB PORTUGUES

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Segunda parte

II

MULHER DE THEATRO

(Continuado do numero antecedente)

Foi mau que a Salviane não quizesse ceiar no Paillard, pensou para si Aunissey. Os zingaros decerto agradariam muito a Fombreuse.

No café Durand, em um dos pequenos gabinetes onde se respira uma atmospheria impregnada de vicio endinheirado, Salviane esperava-os junto a uma pequena mesa onde estava um *ménu* composto com aquelle *savoir faire* das artistas inteligentes.

— Minha querida amiga, tenho a honra de lhe apresentar Mauricio Fombreuse, um jovem compositor que terá decerto *um nome!*

— Conheço-o de nome perfeitamente, já mesmo ouvi obras suas no concerto Le Cozan. *Atravez do Oceano*, creio que é composição sua, gostei immenso.

Convidou Fombreuse para a sua direita e Aunissey em frente d'ella.

— Vou fazer honra á comida, a incantação de fogo fez-me vontade de comer.

— Era por causa da couraça, disse Aunissey.

— Tenho fome, diante d'este senhor, não vale a pena haver disfarces, é dos nossos e bem sabe que nós artistas não vivemos de notas nem de agua fresca.

Fombreuse olhava para ella admirado. Ainda tinha na cara a caracterisação ardente da *Walkyria*. Na sua voz ainda havia a vibração d'uma lamentação, o echo d'uma intonação da filha de Wattan. Fombreuse analysava aquella mulher, que no palco seria capaz de fascinar os olhares, mas alli n'aquelle gabinete despertava o nôjo e o aborrecimento.

— Está olhando para mim com os olhos da desilusão. Ah! não pôde negar. Ha duas mulheres em mim, a da opera, e uma rapariga que ama a vida com todos os seus encantos...

— Foi admiravel na opera!

— Para se cantar bem é necessario não se pensar nem em historias de coração, nem em faltas de dinheiro. No fim da recita apenas penso em me rir, e gozar da vida.

Fombreuse comparava mentalmente este modo de encarar a arte com a maneira dolorosa como Anna animou o seu Orfeo.

Por um phenomeno vulgar Salviane acompanhára o pensamento de Fombreuse.

— Não é d'esta fórma que Anna Le Cozan interpreta? Diga-me como foi a festa artistica em casa da Rudenis. Os jornaes fazem os maiores elogios. Esteve lá? Dizem que a Cozan entra para o theatro... Esta noticia não lhe fôra muito agradável, pois bem sabia que teria uma rival temivel.

Fombreuse então contou a fórma como Anna comprehendêra o papel de *Orfeo*.

Salviane ouvia-o com malicia.

— Ouvi dizer que a sua entrada para o

theatro é motivada por uma forte paixão. Que tenha cuidado com a voz, pois a sua perca é uma fatalidade para os artistas. Alguem fallou-me que o senhor conhecia a muito bem.

Fombreuse lembrou-se do que ouvira a Lescourias.

— A sr.^a Salviane repete apenas o que dizem os chronistas do escandalo.

— Tambem por uma *vulgaridade* não merecia apenas ella apaixonar-se.

— Perdes o tempo, disse Aunissey semi-ciumento.

Fombreuse côrou.

— E' um puro, minha querida.

A artista inclinou-se para Aunissey e deitando-lhe os braços ao pescôço, deu-lhe um longo beijo na bocca.

Fallou-se de projectos artisticos.

— Ainda não poderei responder, disse Fombreuse, tenho apenas ideias muito vagas.

— Imagino, disse Aunissey, que pensas muito para a tua propria alma, deverias conhecer melhor a vida sob o aspecto das suas paixões.

— Não ignoro a paixão, apenas penso d'uma forma diversa.

— Primeiro que tudo, meu caro Fombreuse, é necessario te-la.

— Teu pensamento unico!

— Tem razão, confirmou Salviane, mesmo em arte encontramos a paixão, Wagner as tinha e todos os grandes...

— Sim, disse Fombreuse, mas á maneira de Balzac, no cerebro...

— Eis uma paixão que me não convinha, disse a cantora.

O relógio deu duas horas.

— Ah! tão tarde! disse Salviane, o sr. Fombreuse ha-de-me emprestar a partitura *Atravez do Oceano*; tenho empenho de a cantar.

— Será uma honra para mim.

— Não diga isso, canto-a, divirto-me. Aunissey lançou nos hombros da cantora a capa, enquanto que Fombreuse lhe beijava levemente os dedos da mão.

Fombreuse acompanhou-os á carruagem e Salviane, ao despedir-se, lançou-lhe um olhar provocante de malicia.

O compositor voltou a pé. Fombreuse, tendo vivido uma existencia bastante retirada da maior parte dos seus colegas, não conhecia bem os meios de hypocrisia, de que a sociedade está minada. Assim, Salviane offerencia-lhe como que o typo da mulher perigosa, falsa, que nada sente, pensando apenas na arte como modo de vida para conseguir os seus fins.

Então a figura de Serafina de Carbranches offerencia-lhe, envolvida em recordações de saudade, e toda a scena da ceia vinha-lhe á mente com frequencia.

III

PASSEIO DE OUTOMNO

No domingo seguinte, fiel á sua promessa, Fombreuse veio, ás nove horas da manhã, bater á porta de Lescourias, este dormia ainda.

Emquanto Lescourias se vestia á pressa, Fombreuse perguntou-lhe:

— Mandam-te embora por causa da festa que tu deste?

— Vou-te contar: a dona da casa veio ter comigo com uns ares que não podes calcular! Mas eu, com este descaramento

habitual que tenho, offereci-lhe calices de bello vinho e um *punch*. Não imaginas como ella ficou, no final até me chamou *rico filho!*

— Tudo ficou então na boa harmonia?

— Na melhor do mundo.

D'ahi a um quarto de hora, Fombreuse e Lescourias, n'um omnibus, seguiam a direcção de Père Lachaise.

— Nunca ouviste Wolfram Walta, Lescourias?

— Apenas o ouvi, d'aquella vez que tu sabes, somente uns minutos.

— Uma bella cara de cego! Aspecto triste, doloroso, testa larga, olhos que não pôdem ver senão os mysterios da meditação. Parece uma tela de Rembrandt.

— Eis-nos chegados, disse Lescourias. O omnibus parou na praça da igreja de S. Germain-de-Charoune, um canto de provincia dentro da capital.

Uma escada, talvez de vinte degraus, vae ter á porta do cemiterio e á igreja. O interior da igreja accusa a antiguidade. Tinha o aspecto d'uma igreja de aldeia.

— Estam na *Gloria*, disse Lescourias, abrindo a porta, ouviremos missa e Wolfran Walter.

Ao lado da igreja estava o orgão, um modestissimo armario com tubos. Walter não se via.

— Mette horror o instrumento, disse Lescourias, pois tu vaes ver que bellos effeitos elle tira!

(Continúa.)



De duas Faces

I

Sem odios, sem paixão, e sem piedade
A tua mão de ferro esmaga tudo,
Selo fatal lhe imprime: e grave e mudo
Assim vais de caminho á eternidade.

Atrás de ti ruínas, soledade,
Onde hontem os rosaes o cardo agudo,
Curvo-me ao teu poder. Ai não me illudo,
Que o teu correr veloz faz-me saudade,

Quem és? Dize quem és, poder tremendo,
Com tudo a investir, tudo transformas,
Sem te doer do mal que vais fazendo.

Quem és sempre a fugir, que a traz não tornas?
O monstro me responde emfim dizendo
— O tempo, o genio, o gladio das reformas.

II

Ministro de um poder todo piedade,
Que a previdente mão estende a tudo,
Curva a fronte audaz, e fica mudo,
Homem; adora, e crê na eternidade,

Attende bem, nem tudo é soledade,
Applica a reflectir o engenho agudo
Verás que d'este mundo, e não me illudo,
Nem todos podem ir sem ter saudade,

Nem sempre o tempo encerra um mal tremendo;
Se na carreira ás vezes muda as formas
De um ser que foi um novo ser fazendo,

Tambem, ó homem tu, se atraz não tornas
E's bem no teu lidar, não o dizendo,
O principal obreiro das reformas.

NEMO.



Quem ama tão apaixonadamente que quizera
amar mil vezes mais do que ama, só cede a
quem ama mais do que quizera.

La Bruyère.

Uma Intuição

Há cousas que não vejo, que não sinto,
E sem hesitação as accredito,
Aborda a criação ao infinito,
Não se amesquinha a um misero recinto.

Cousas não vistas nos revela o instinto;
E tanto mais quanto mais medito
Vejo o poder de Deus em tudo escrito
No modo mais preciso e mais distinto.

De certo eu nunca o vi na sua essencia;
Tambem não vejo as forças naturais
Que operam, que produzem a existencia:

Impõe-nas a razão. Pobres mortais!
De Deus em tudo esplende a omnipotencia,
Cauza das cauzas; e não preciso mais.

NEMO.



Prometer e não cumprir, causa damno a quem
fica esperando, descredito a quem prometer —
complica a ambos.

H. F. P.



Pelos teatros

Republica

Tango Cordeal — revista em 3 quadros por Eduardo Schwalbach. — Merecedora dos aplausos que o publico lhe dispensa, representa se, no elegante teatro do Tesouro Velho, esta pequenina revista que é uma *charge* espirituosa e inofensivissima aos costumes politicos do nosso paiz.

Depois dum intervalo repousado de tempo, em que, por sua propria vontade, parecia votar se ao esquecimento, como se o autor da *Bisbilhoteira* pudesse, assim, dum momento para o outro, ser injustamente esquecido — Eduardo Schwalbach aparece nos, de novo, sorriso nos labios, pondo em jogo scenico as diabruras da sua imaginação admiravel. Evidentemente, o *Tango Cordeal* tem o valôr restricto de rememorar, de leve, por instantes, a *vis comica* da sua fantasia e o processo literario, delicadissimo, da sua arte.

De resto, não ha ali contundencia que esmague, nem ironia que fulmine...

Tudo o que temos ouvido acerca dos nossos habitos de democracia, banalidades e pilherias, chistes e motejos, — Schwalbach repete-o, despretenciosamente, numa successão de episodios hilariantes. A acção da revista desenvolve-se derredor de Bernardino que regressa de Brazil para esperança de lusos esmorecidos. Naturalmente, encontra a sua democracia, cheia de desgraça e abandonada de tranquillidade, no estado que todos nós, por experiencia propria, muito bem conhecemos.

Mas Bernardino promete domesticar o parlamento e bem dispôr os animos contrafeitos — por auxilios de sua palavra suavissima e cumprimentos do seu irrequeto chapéu alto.

Isto é, vem tangar irresistivelmente ante os acontecimentos e os homens.

Alpoim, encarcerado na torre da desconfiança, sae ao ar livre, por momentos, e sente estímulos de jogar o seu fandango antigo.

O que é certo é que Bernardino consegue fazer-se, com reservas, applaudir.

Para o successo da engraçada revista, concorreram, em muito, os desempenhos excellentes de Chaby, Henrique Alves, Emilia d'Oliveira e Barbara Volckart.

Cartas d'amor

As tuas cartas saudosas
Sam para o meu coração
Como o perfume das rosas
Trazido na viração.

E no delirante aneio
De te ouvir, de te escutar,
Ponho-me a lê-las e creio
Que estamos a conversar.

Tu certamente não pensas,
Doce luz que me iluminas,
Que as tuas cartas extensas
Sam sempre tam pequeninas!...

A' noite, quando me deito,
Rézo-as com tal devoção
Que durmo tam satisfeito
Depois da minha oração...

Tu dizes que tens guardadas
Num cófresinho de amor
As cartas apaixonadas
Que te escrevo, minha flôr.

Quiz as tuas esconder,
Guardai-as no coração:
Começaram logo a arder
No fogo desta paixão.

Ateáram mais a chãma
Que me queima com ardor.
Desditoso de quem ama,
Que pôde morrer de amor!

ESPINOLA DE MENDONÇA.



Ciencia moderna

Os raios ultra-violetas utilizados para purificar as aguas

A primeira condição para que as aguas possam ser penetradas pelos raios ultra-violetas, é, segundo experiencias de Courmont e Nogier, a de serem limpidas, e pobres em substancias coloides, devendo-se tambem atender a que a intensidade luminosa desses raios é maxima, quanto

aos efeitos da destruição dos pequenos organismos, quando a distancia é minima, isto é, varia na razão inversa da distancia.

Devido a este fenomeno, a applicação dos raios ultra-violetas na purificação das aguas, não tem sido experimentada senão depois de longa prática de laboratorio, obstando um pouco o inconveniente citado, e na França, ha apenas dois anos, esse processo foi posto em pratica.

A instalação Luneville é a mais recente, e a mais importante do genero, realisando um aperfeiçoamento pratico do processo.

A agua é extrahida directamente do leito dos rios por meio de bombas poderosas, accionadas por turbinas, que a enviam a enormes tanques-filtros de areia, onde se operam clarificações successivas. O processo de Puech Chabal comprehende tres series de tanques-filtros, por onde se faz passar a agua, e neles se reteem a maioria dos germens, de que se consegue eliminar 90 a 95 %.

Para se obter resultados satisfatorios, deve se obedecer aos seguintes principios:

1) A quantidade de agua consumida em 24 horas, por metro quadrado não exceder 3 metros cubicos.

2) A velocidade da filtração ser constante, o que se obtem por meio de um aparelho regulador automatico, sistema Didelon. Este aparelho consta de um sifão cujo ramo aval tem uma cuveta, onde penetra a agua filtrada. Liga-se um fluctuador ao sifão, a fim de permitir que este siga as variações de nivel, permitindo se por esta forma que o esgoto seja constante.

Sahindo dos filtros arenosos, a agua é levada para a sala dos esterilizadores, de raios ultra-violetas, onde sofre a acção de lampadas em quartzo, com vapores de mercurio.

Um tanque rectangular de grande secção está munido de 12 lampadas, dispostas no interior de um envolvero de quartzo de 3 milímetros de espessura, e 50 de diametro. Essas lampadas podem conservar a sua intensidade luminosa durante 3.000 horas sem que o seu poder destruidor das bacterias se modifique.

Todas as moleculas da agua se expõem á acção successivamente, de cada uma das lampadas, sendo o resultado mais ou menos eficaz, consoante a distancia ao foco luminoso.

Em ocasião em que as aguas dos rios estejam claras, seis lampadas bastarão para dar o resultado desejado, mas se o rio sofrer uma cheia, teremos de duplicar o numero de lampadas, devido ás aguas serem mais turvas e córadas de amarélo.

A energia electrica necessaria para o funcionamento das lampadas é fornecida por meio de turbinas ou maquinas a vapor.

A vigilancia das lampadas durante o funciona-



Emilia d'Oliveira Francisco Costa Chaby Pinto Costa Henrique Alves Tomás Vieira Leonor Faria Robles Monteiro

TEATRO DA REPUBLICA — SCENA DA REVISTA, EM 3 QUADROS, DE SCHWALBACH — *O Tango Cordeal*

mento, e o acendel-as requer precauções, e para isso o operario nesse momento deve munir-se de umas lunetas de vidros espessos ou córados.

Os resultados obtidos por este processo, em Luneville, teem sido tão brilhantes, que a febre tifoide que grassava com intensidade, nessa localidade, e fazendo anualmente um grande numero de victimas, desapareceu por completo.

ANTONIO A. O. MACHADO.

Tudo-Nada

Tudo-Nada é um livro de apparencias vaidosas, contendo versos sinceros.

O soneto da capa berra um desafio altaneiro á maldade dos criticos, e grita um desprezo cortante aos architectos de versos seccos, mas o livro lê-se e o auctor apparece, simples como é, dando-nos a sua poesia, sem obsessões de vaidade, mas reclamando, calorosamente, os seus direitos de poeta, pela razão suprema de saber ouvir e dar o coração.

Pena é que Julio Ribeiro — deve dizer-se, para seu castigo — não queira levar ainda mais longe e mais alto o seu coração e a sua penna, porque o seu livro não é a promessa apaixonada de uma arte a continuar, mas, como elle proprio confessa, o trabalho apressado e breve de uma tregua politica.

Mais um dia sobre estes versos e Julio Ribeiro voltará ao fogo dos jornaes politicos, sacrificando a belleza serena á disputa, deixando de cantar para discutir e apostrophar.

Mas, por mais que a politica o absorva, o seu coração de impulsivo e sonhador não deixará de verter e crystalisar poesia em moldes mais vivos e quentes que os do verso, porque Julio Ribeiro é poeta ainda mesmo que se dispense de escrever livros.

Tem bondades que valem o melhor rytmo e gestos emocionantes que valem o traço da melhor penna, e assim o politico nos compensa da fuga ás sollicitações da Arte.

Se os leitores do *Tudo-Nada* pudessem ver, em luz verdadeira, a figurinha bella de creança, que se entremostra na pagina *Compensação*, como um cherubim de Murillo numa aureola de Rembrandt!...

Essa Lourdes foi uma pequenina esfarrapada e faminta que uma noite de neve o poeta ergueu da rua, correndo ao lar, a deita-la no regaço amado da esposa, como na toalha religiosa do seu altar!...

Um homem grosseiro teria visto nella a creadinha, a vassoura do futuro...

E Julio Ribeiro plantou-a no seu lar, como uma flôr no melhor vaso!

Quando muito um homem de bondade vulgar teria elevado a pequenina até ao pão da sua mesa, até ao oiro do seu testamento, mas ergue-la até ao coração, para a cantar como filha, na pagina mais sentida do seu livro, só de um coração onde a poesia existe, como um amor vivo e perfeito!

E' que amar os proprios filhos é uma caricia natural e necessaria, mas adorar os filhos desgraçados dos outros, e dar-lhe, em amor, o carinho de toda uma alma, tem alguma coisa de divino!

— Mas — perguntará alguém — que tem isto com a obra litteraria do auctor?

— Tem muito, para os criticos severissimos que exigem impeccabilidade de execução em todos os sentimentos poeticos...

Como se houvesse livros de fórmulas impeccaveis! Mais commovedora poesia ha no poeta que dá a sua obra vivendo-a, em harmonia, do que sómente escrevendo a com perfeição.

E o livro de Julio Ribeiro tem paginas assim, escriptas com verdade e vividas com verdadeiro amor.

ALVARES D'ALMEIDA.

Uma pleiade romantica

(Concluido do n.º 1265)

Ao lado destes dois irmãos em patria, Alvares de Azeveeo e Castro Alves, deparam-se-nos dois irmãos em crenças, em fé politica. São dois legitimistas de *antes quebrar que torcer*. Firmes nas suas convicções, presenciaram, sem desfalecimento, o triunfo de adversarios, antes dando provas de um só rosto. Não é facil, talvez, nesta época de comodismo e de indiferença encontrar caractéres de tão rija tempera como os de João de Lemos Seixas



JOÃO DE LEMOS

Castelo Branco e Antonio Pereira da Cunha.

Honra lhes seja. Nada mais nobre que a lialdade, o sacrificio pela propria causa.

E quando tal virtude e tal gesto se fazem acompanhar de méritos de outra ordem, a admiração e o respeito por esses vultos duplica-se e a homenagem é unanime porque simbolisa um acto de justiça, por varios titulos, merecida.

João de Lemos, o inspirado autor da *Lua de Londres*, desse lindissimo trabalho, sentidamente, recitado nos felizes tempos da nossa infancia, que com a *Judia* de Tomás Ribeiro e o *Noivado do seputro* de Soares de Passos, formava a trilogia romantica tão querida das nossas salas, foi um peregrino talento que, ha cincoenta anos, occupou um lugar de destaque no nosso meio litterario.

No seu alaúde, vibram as cordas mais intimas de uma organização moral cheia de nobreza e de virilidade, de doçura e de affecto. Os seus versos, cuidados na forma e castos na linguagem, são asintese da religião e da patria, da delicadeza e do amor.

Tais sentimentos inspiraram-lhe o *Cancioneiro*, esplendida coleção de poesias, salientando-se, o *Festim de Baltasar*, *Consumatum est*, *Bem hajas*, *Proscrito*, *Lua de Londres* e o *Funeral e a pomba*, joias de subido quilate, documentos valiosos de uma fina concepção estetica.

Não foi só poeta, João de Lemos, mas tambem polemista e, ao passo que, da sua pena, se desprendiam mimos de lirismo, soltavam-se argumentos de vigór com que contestava as doutrinas contrarias ao seu crêdo politico e religioso.

Sério e grave com os contendores da sua envergadura, ironico e satirico com os que considerava inferiores, mas, sempre, cortês, distinguiu-se no campo da discussão. Os seus artigos publicados no jornal a *Nação* que, por tantos anos, dirigiu, são prova frisante da intrepidez e bom senso com que se embrenhava nos dédalos da controversia.

Embora em plano mais secundario, Pereira da Cunha é tambem um vulto de merecimento. Destinando-se á formatura em direito, não realisou, por motivos particulares, a sua aspiração.

Não obteve, portanto, diplomas academicos, mas adquiriu titulos de valor, de certo, mais real, os que nunca poderão ser conferidos senão aos que, devéras, trabalham e têm, por unico auxiliar, o proprio mérito. Por isso, Pereira da Cunha, desenvolvendo as suas talentosas disposições com um estudo sério e reflectido, conseguiu uma reputação que o nobilita: — a de literato distinto.

Entregou-se ao teatro, á poesia e ao jornalismo e os fulgores da sua pena destacam-se nos dramas, *Duas filhas*, *Brazia Parida*, *D. Leonor de Mendonça*, na comedia, *Um poeta do tempo de D. João V*, na *Selecta* agrupamento das suas produções mais queridas e nos artigos politicos, onde se traduzem, a um tempo, o bom senso e a convicção firme. Entretanto é, na poesia lirica, onde elle colhe as mais vicejantes palmas.

Os seus versos, ainda que não denunciem grande inspiração, recomendam-se pelo escrúpulo da métrica, pela vernaculidade da dição e pelas leitções de sentimento que, ora toma a delicadeza anacreontica, ora a gravidade pindarica, ora a sinceridade religiosa, ora a esperanza politica.

Português de lei, tomando a independencia por divisa, não se fascinou com os brilhos das eminencias sociais a que os seus méritos lhe podiam dar direito, preferiu, antes, viver na obscuridade que transigir com adversarios; ser servidor lialissimo da sua causa, que locupletar-se com os proventos de uma missão que não estivesse em harmonia com o seu ideal politico.

Fechemos o nosso despretençioso artigo com José da Silva Mendes Lial e Guilherme Braga. Quem os não conhece? Diferentes no moral, embora iguais em faculdades intellectivas. Um grave conselheiro que, na alta burocracia, manteve sempre a linha e um boémio que, no Porto, sua terra natal, se singularizou em aventuras.

Ambos, porém, figuras inconfundiveis em pleno seculo XIX.

De procedencia obscura, Mendes Lial, se occupou lugar distintissimo na sociedade portuguesa, deve-o a si. Saindo da casa paterna por desinteligencias com a familia que o destinava á vida ecclesiastica, lançou-

Nunca se viu alguém rir-se por algum pezar; todavia ha alegrias que fazem chorar.

se na carreira ingrata das letras e da politica e publicou os primeiros versos no *Recopilador*.

Homem de vistas largas e justas aspirações, escreve a primeira obra de fôlego, o drama, *Dois renegados*, representado com frenéticos aplausos, porque, nessa estreia, revela-se um talento possante que devia ocupar uma posição invejável junto de Almeida Garret. Animado sempre pelo entusiastico acolhimento das platéas, produz, Mendes Lial, outras peças, como o *Homem da mascara negra*, *A pobre das ruínas*, *Tributo das cem donzelas* e, no ultimo periodo da sua actividade, como dramaturgo, o *Egas Moniz* e os *Primeiros amores de Bocage*.

Os primores do estilo, a pintura natural dos personagens, as indagações historicas, a elevação das ideias e a nobreza do sentimento deram, ao drama *Egas Moniz*, o primeiro premio em concurso literario. A comedia, *Primeiros amores de Bocage* é um estudo moral da juventude desse famoso improvisador que, em verdes anos, mostrava já qualidades do seu espirito singular; é uma apresentação fina do poeta que, então, despertava jovial e puro sem os vícios desordenados que, nos ultimos anos da sua vida, o deviam caracterizar.

Na qualidade de poeta, a lira de Mendes Lial foi inspirada e, em bellas harmonias, manifestou sempre o pensar e o sentir de um verdadeiro estro; fala á intelligencia e ao coração de uma forma filosofica e sedutora. Crente, na *Ave Rex, Christus Rex* e *Surrexit*; elegiaca, na *Ave Cesar* e *Ante o solio e o tumulo*; amorosa, na *Visão da tarde* e *Suspiros de Abril*; patriótica no *Pavilhão negro* que, ao lado eloquentissimo discurso de José Estevam, sugerido pelo mesmo motivo, a questão da barca *Charles et George*, constitue um veemente protesto contra a força, suplantando o direito.

Nem só as balas expelidas pelas bocas dos canhões ferem e matam; os raios vibrados pela indignação tambem fulminam e aniquilam. E, já que o pequeno é o eterno do ludibrio do grande, esgote, ao menos, o calix do sacrificio com o estoicismo das almas superiores, levantando a sua voz para o anátema de cobardes prepotencias.

Assim, procedeu, tambem, Guilherme Braga animado pela mesma nobreza de sentimentos, repelindo nos *Ecos de Aljubarrota* a pretendida união iberica pela deposição de Isabel II. Qual Tirteu levantando Sparta contra Messenia, o vigoroso poeta portuense desperta o brio português contra as ambições da nação visinha, com toda a energia da sua alma, com toda a eloquencia do seu estilo.

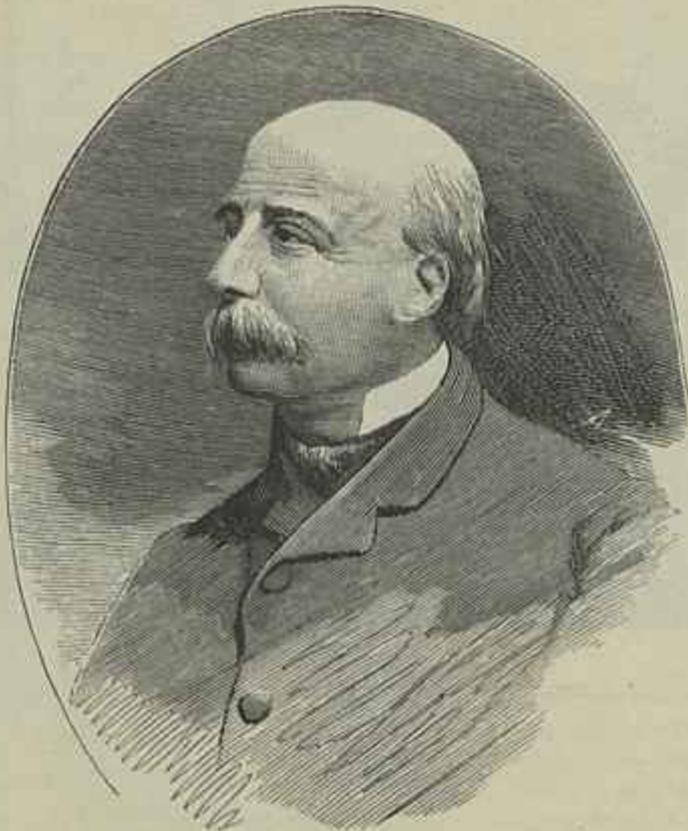
A' patria se dirige:

«Se Camões te deixou gloria tamanha que a não calquem, aos pés da Hespanha, as alas. Dá-lhe outra inda maior! Envia, á Hespanha, a estatua de Camões fundida em balas.»

Temperando a sua lira pela de Vitor Hugo, de quem era fanatico admirador, revelou-se, nas *Heras e violetas* e no *Mal da Delfina*, ora harmonioso e suave, ora energico e veemente.

A satira parece ter sido o seu genero predilecto e, á semelhança de Juvenal,

fustiga, com acrimonia, os ridiculos e tendencias viciosas sem respeitar a categoria dos personagens que, por vezes, eram directamente fulminados com a sua mordacidade. Para esta feição verrinosa, talvez, contribuisse a sua orientação democratica, apostolizando as mais rasgadas ideias liberais com o fito de minar a velha filosofia



ANTONIO PEREIRA DA CUNHA

social que, com os seus convencionalismos e distincões, tanto o irritavam.

O romantismo teve, como acabamos de ver, representantes notaveis. Não se ufana da galaria numerosa da escola classica que teve seculos de existencia; está sendo eclipsado pelo realismo que pretende substitui-lo e a que, naturalmente, deve ceder, mas regista, nos seus anais, a dupla gloria de ter preparado, nas letras, a queda de um regimen de intolerancia e o advento de um regimen de liberdade.

DAMASCENO NUNES.



Parques e jardins de Lisboa

Arboretos

III

«La civilisation de chaque âge est conditionnée par des influences diverses dont le resultat final se traduit par une modification de la sensibilité collective.»

«Ce qu'on a nommé, par exemple, de génie de la nature est assez modeste.»

G. LE BOV.

E tudo, no entanto, se encadêa. N'um entendimento da Historia das civilizações, n'um colhimento de subsidios psicologicos, tocam-se realidades, descortinam-se e acompanham-se aspirações e tendencias. Escutam-se vozes da sciencia, fixam-se florações do genio. Descrevem-se delicias que em figuração seduzem, e ao sentimento são gratos; apontam-se ornamentos civilisadores, sempre em contraste com expressões mais rudes que nenhuma civilização conseguiu ainda expungir do seu quadro. Nem ela é una. — N'esta digressão em que vamos surpreendendo e fixando aspectos citadinos varios, n'elles colhendo impres-

sões que tantas lições avivam — a que hontem se ouviu, e a que envolve recordações maiores — por um momento acompanhamos aquelas trasiadadas palavras de feição moderna. Com elas, acaso contentaremos melhor criterio; que ainda nos levam a esboçar scenarios, n'um traço mais breve do seu movimento. Por tudo isto, as trazemos entrelaçadas a esta nossa prosa barbara.

Suscitam esses conceitos em que se fere a nota psicologica do sentimento afetivo, n'uma das suas peculiares manifestações, ou espontanea, ou já intelectualizada, que se recorde constituir, n'esta hora, o culto da Natureza — que, pela curiosidade exigente de novas impressões, tanto se exalçou n'outras idades, — uma reviviscencia do que bem diversas civilizações lhe consagraram em Poesia, nas modalidades da Arte, e até em usos e costumes.

E uma e outra d'essas civilizações, criando jardins, plantando parques, a par do scenario onde a Natureza se ia expandindo em maiores magnificencias, ou rompia mais majestosa na estranha e larga copia de gigantescos e emaranhados arvoredos a que se enleiam o cymbidio, o dendrobrio, a bauhinia e a adorifera bauhinia, com essa criação e plantação deram-se vivamente a consagrar o culto pantheista para o qual d'essa arte se traçava templo. Falam os mythos. Com eles, tambem se despertavam os sentimentos afetivos e se engrandeciam labores de vario escopo, na ancia de viver pelo espirito, e d'algum modo dominar o mundo.

Gravou-se esse culto na rutila pupila do formoso e opulento Oriente onde se embalou o berço da civilização (?). Que os seus odoriferos jardins e deleitosos arvoredos fôram para o estro de Camões, maior encanto, — quando, *ahi, a cidade e o campo se viam juntamente*, nos trechos, d'ela, suntuosos. . .

E' para recordar agora.

Sorriu esse culto, por entre mimosas estancias e quaes — n'este rincão da Peninsula — ainda surgem em sua formosura e riqueza vegetativa excepcionaes e mais belas com o relevo que lhes dá o alcan-

tilado da serrania em que assentam e por onde se desdobram — ao arabe belicoso que n'esse eden se comprazia em asselar as suas rissonhas ficções e enamoradas creanças.

Enleveu e prendeu, ora sob a cupula viridente das florestas sagradas, ora com os mais finos e graciosamente inspirados labores artisticos, o forte amor helenico de tão expressiva influencia nos embates civilisadores.

Falou, em sua soberania de enlevos e com a fruição de olorosos pomares, ás grandezas cezarinas e ás patricias opulencias da antiga Roma. Enlaçou-se, por entre mais faustosas pompas e ao calor das brisas do Mediterraneo, aos formosos e tão afamados jardins de recreio e botânico, com que, na aurora da Renascença, a Italia, largamente se engrinaldrou de rosas; e, ainda, — chamando a si as curiosidades vegetaes de mais apartadas e varias regiões, curiosidades que, por via de mais arrojadas emprezas, se iam descobrindo, — bem eloquentemente estampou a expressão de como ela rendia culto á Natureza; e, se n'um impulso affectivo, não menos obedecendo a um pensamento filosofico e a mais não ser racional!

Verdadeira renascença com este facto surgiu par a Arte do melhoramento das flores e dos fructos. Aliança da beleza com a utilidade.

Que ainda são de apontar outros liames, tecidos pela erudição humanista, enflorados pela poesia que incendeu a mente, ao Norte e ao Sul da Europa, e com os quaes se prendem á Historia os sorridentes quadros em que á propria Natureza se rendeu culto, e onde ela, correspondendo a maiores disvelos, entoou, em extensa gama, o seu hino de côres a denunciarem-se no perfume exhalado da urna que alindam e decoram. Que ao ciciarem brisas da Primavera, harmonias altas n'essas estancias se desferem, já quando os estos da vida ahí cantam a sua aleluia, percurso-ra de misteriosos esponsaes em floriferos thalamos! . . .

D'outro modo se revela ainda esse sentimento affectivo que aos mimos de Flora prende, e ás expressões selvagens da Natureza enlaça as vistas do espirito.

E' quando a alma inquieta que a nostalgia oprime e maior saudade alanceia, se debate anciosa por tornar a ver a serrania agreste, e de novo ouvir as aguas sussurrantes que por ela se

